

POP'DELEUZE: fora do clichê imperial¹

POP'DELEUZE: out of imperial cliché

PAOLA ZORDAN

Professora Titular do Departamento de Artes Visuais e
Programa de Pós-graduação em Educação da
Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFRGS
00010238@ufrgs.br

RESUMO

É possível filosofar de um modo popular? Para compor o que se entende por popular procura-se responder essas questões partindo de uma maneira coloquial de se trabalhar: consultas ao verbete. A fim de definir o popular em suas articulações e desarticulações com a filosofia, segue-se a perspectiva da Diferença de Gilles Deleuze. Mostrar o que vem a ser a pop'philosophie implica considerar as atuais configurações da sociedade de controle colocadas no livro *Império* de Hardt e Negri. Numa breve retomada dos pressupostos críticos se coloca o problema da banalidade contemporânea imiscuída aos conceitos filosóficos e sua relação com os devires e os modos de resistência expressos na multidão. Compreende-se, então, que é na afirmação dos simulacros que se resiste. Resistir é criar, produzir uma filosofia que devém em arte, para um povo de não-filósofos que necessita pensar.

Palavras-chave: Popular. Sociedade de controle. Simulacro. *Império*. Esquizoanálise.

ABSTRACT

Is possible to philosophize in a popular mode? For compose that understating popular search answers questions against colloquial manner of work: dictionary consults. With propose to define the popular in then articulation or not with philosophy, this paper follow difference's perspective of Deleuze. Shows whats is going be the pop'philosophie involved to consider the actual configurations of control society explained on Hardt and Negri's book, *Empire*. In quick retake of critics presupposes brings the contemporary banality problem miscued at philosophic concepts e their relation with became and resistances express for people mass. Then, conceive that simulacra's affirmation that be resist. To resist is create, to produce a philosophy that becomes art, for a no-philosopher people that needs think.

Keywords: Popular. Control society. Simulacrum. *Empire*. Schizoanalysis.

Da esquizo pedagogia dos conceitos

Gilles Deleuze se tornou um autor “pop”, ao menos no Brasil. Seu parceiro intelectual, com quem escreveu vários títulos e a obra *Capitalismo e Esquizofrenia*, composta em dois volumes e muitos platôs, foi quem o trouxe a essas zonas tropicais. O que se define como um país, no entanto, é uma abstração em declínio frente à produção

¹ Recebido em: 08 de maio de 2022. Aprovado: 18 de junho de 2022.

e mercadológica global, conforme Antonio Negri e Michael Hardt demonstram no livro *Império*, escrito ao final dos anos 1990, na esteira da esquizoanálise. A economia, hoje, destarte a falta de noções que alguns governantes apresentam, se comporta para além de qualquer fronteira nacional e soberania política. Ao tratarem de fluxos, Deleuze e Guattari não se restringem apenas no capital e suas forças, acima de tudo analisam, de modo transdisciplinar, como, nos corpos, nas cidades, o desejo se produz. Pensar a produção de desejos, em seus fluxos “desejantes”, é se deter em forças que circulam, transitam, recaem e escapam de objetos e habitam os povos e seus corpos.

A partir desta noção de uma economia política imperial, considera-se aqui a ampla disseminação, desde 2011, do termo *Filosofia Pop*, seja na mídia, seja via canais alternativos, seja nas produções acadêmicas brasileiras². Estas considerações são disparadas (ZORDAN, 2011) via força de seus contágios em função dos efeitos desse plano esquizo, cujos conceitos na “moda” tanto operam no pensamento contemporâneo. Desde as vindas de Félix Guattari ao Brasil, nos anos 1980 (GUATTARI; ROLNIK, 2005), o pensamento de Gilles Deleuze marca maneiras de se proceder inventivamente em pesquisas, em ações performáticas, em criações artísticas, repercutindo, mesmo que indiretamente, em textos de intelectuais livres e, de um modo e outro, se fazendo sentir pelas universidades e escolas do país (VINCI; RIBEIRO, 2018), em especial nos campos da Psicologia e da Educação.

Trata-se de uma força contagiante que leva bandos de brasileiros a se aventurarem pelas multiplicidades da Filosofia da Diferença, advinda, entre tantas perspectivas, da diferença filosófica defendida em tese por Deleuze (1988)³. Deleuze se torna pop no Brasil em consonância aos devires da filosofia enquanto plano de imanência conceitual em outros tipos de planos de pensamento, de modo que o termo “pop” é assumido pelo próprio autor para tratar dos campos problemáticos dos quais trata.

² A exemplo do mapeamento feito por Julio Groppa Aquino e Guilherme Oliveira (OLIVEIRA; AQUINO, 2015), sendo que aqui não faremos um levantamento anafórico destes usos. Destaco, em particular, os diversos canais da Escola Nômade de Luiz Fuganti e suas repercussões fora da pesquisa acadêmica. Além da inserção midiática e dos livros de Marcia Tiburi, seria possível, em estudo específico, enumerar diversos eventos, páginas em redes sociais e blogs que popularizaram o termo e produzem uma ideia de filosofia para qualquer pessoa e não apenas aos estudiosos dos filósofos.

³ A tese de Deleuze, a qual trata via n perspectivas, do conceito filosófico *DIFERENÇA*, foi defendida em 1968 e posteriormente publicada. Cf: DELEUZE. *Diferença e Repetição*. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

Posterior à tese filosófica de Deleuze, a perspectiva esquizoanalítica, criada com Guattari no início dos anos 1970, hoje embasa criações que trazem questões anteriores à propagação do termo ‘filosofia pop’ em seus muitos usos. Embora possamos fazer separações conceituais entre o que vem a ser o termo pop e o que se compreende como popular, no léxico suas compreensões estão sobrepostas. Observando os múltiplos sentidos dos conceitos implicados na *Pop’filosofia*, trataremos de tais usos em suas implicações mais contundentes, as quais se estendem a derives e variações desde que Foucault, Deleuze e Guattari surgem como autores relevantes ao pensamento filosófico, artístico e educacional em pesquisas brasileiras.

Estudos foucaultianos no campo da Educação (AQUINO,2013) mostram o quanto o projeto educacional moderno se constituiu em torno do governo das populações. Novas perspectivas destes estudos dão ênfase a outras matrizes culturais e procuram mostrar a riqueza de saberes não contemplados pelos projetos republicanos das nações colonizadoras. No contexto pós-crítico contemporâneo, as divisões entre a cultura erudita e o saber popular implodiram as razões classificatórias, sendo que neste panorama, interessa a filosofia do tal professor Gilles Deleuze, francês cujas aulas evocavam os trópicos como lugar de um novo pensamento, um pensamento “porvir” nesse corpo informe designado “povo”. O que vem a ser esse pensamento que pensa fora das tradições filosóficas, um pensamento do povo, para o povo, para não-filósofos, implica minorias, devires menores e outras manifestações populares expressas na singularidade de paisagens unívocas, para as quais a filosofia de Deleuze nos arrasta. Trata-se de um pensamento nada ortodoxo, porém rigoroso, que o filósofo, juntamente com Guattari, compreende como “pedagogia do conceito” (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p.21). Sendo uma pedagogia um modo de conduzir corpos, um caminho, uma facilitação de processos, com Deleuze, a condução conceitual favorável à aprendizagem sempre rompe com os discursos dicotômicos que distinguem ideias de percepções corpóreas. O corpo protagoniza o que se pensa, matéria concreta e extensa e a matéria intensiva, imensurável, do pensamento, jamais se separam, corpo e pensamento são imanentes. No constructo de um plano de imanência, a condução pedagógica, ao se repetir, mesmo que seja redundante, tal como um ritornelo, mostra que a repetição é o que traz a aprendizagem. Os conceitos, traçados de modo rizomático, nem sempre se conectam. Não há, na aprendizagem dos conceitos, obrigação com as aplicações empíricas e com as metodologias científicas, sendo, o método, a própria criação do que

o conceito devém ou figura. Trata-se de pensar métodos não mais em torno de conhecimentos já estratificados e sim de saberes ainda não formados, o que, Sandra Mara Corazza, pesquisadora brasileira da Filosofia da Diferença, apresenta como *metodosofia* (CORAZZA, 2020). Os conceitos de outras áreas de conhecimento, como rizoma (biologia), estrato (geologia), ponto cinza (artes visuais) apontam que, ao se elaborar uma “pedagogia do conceito” (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p.21), enquanto criações de planos de pensamento, todos e quaisquer conceitos podem ser ensinados. Não como termos dogmáticos e indecifráveis, pois Deleuze, ao longo de toda sua obra e todas as suas aulas, trata a aprendizagem como decifração. Ainda que permeada por mistérios, pois não há, destarte todas teorias cognitivas, saber plenamente como e porquê alguém aprende, sabemos que sim, figuras, tipos, signos ou personagens dos quais qualquer um pode se acercar, nos *ensignam* a decifrar planos de pensamento. É possível tornar a filosofia algo mais próximo dos que ignoram o cabedal conceitual da História da Filosofia e seus autores clássicos. Em um dos inúmeros tomos de sua obra conjunta com Félix Guattari, no primeiro e terceiro platôs do segundo volume dos ensaios de *Capitalismo e Esquizofrenia*, intitulado *Mil Platôs*, esse pensar próximo ao povo surge como rizomática, disciplina sem contornos definidos que no Brasil inspira a tal “cartografia” e que os autores que a criaram chamam “pop’ análise” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p.36).

Pop’popular: definições do “amansa burro”

Pop’filosofia (DELEUZE, PARNET, 1998. p.12): filosofia do povo, popular. Mas o quanto não podemos nos surpreender ao descobrir que, após quase dois séculos do que pode se chamar “cultura popular imperial”,⁴ um dos mais ilustres dicionários brasileiros da Língua Portuguesa designe o adjetivo popular como (1) relativo “ao povo, especialmente gente comum” ou (2) “feito pelas pessoas simples, sem instrução”. Palavras que definem um “popular” da plebe, aquilo que é da ralé, do rebanho humano,

⁴ Império é o termo que Antonio Negri e Michael Hardt utilizam em seus estudos sobre as configurações do que Deleuze chamou “sociedade de controle”. Considerando que a unidade imperial é dada pela polifonia de uma multidão consumidora que alimenta o mercado, o que chamo “cultura popular imperial” (de algum modo similar à “cultura de massas” dos frankfurtianos) emerge com a Revolução Industrial, em torno de 1840-1850, no auge da decadência romântica. Cf. DELEUZE. *Conversações*. São Paulo: Perspectiva, 1992, e HARDT; NEGRI. *Império*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

dos burros de carga⁵ “sem instrução”. Pop’filosofia: filosofia para o gado, para os camelos. Se evocarmos o principal precursor de Deleuze, Foucault e de todo pensamento contemporâneo, Nietzsche, pensar o povo em termos de “rebanho” se configura paradoxal. Nietzsche diferencia os espíritos livres, que não se submetem a moral incutida na maioria, das mentes “pastoreadas”, sendo que uma formulação filosófica Pop, a princípio, pode parecer “anti-nietzschiana”. Seria quase como dizer “filosofia para escravos” ou “filosofia da servidão”. Somente na terceira designação do *Houaiss* nos liberta desse pressuposto, quando encontra-se a definição de que popular é (3) “relativo às pessoas como um todo” (HOUAISS; VILLAR, 2001, p.2261), ou seja, chegamos na concepção de Deleuze, que, embora ministrasse disciplinas de filosofia, dava aulas para todos os “povos”, para todo tipo de pessoas, para quem quisesse chegar. Os múltiplos sentidos da palavra *popular* não se definem nos termos que o pensamento, em sua ortodoxia filosófica racional, exige na circunscrição de um conceito. O popular, sem dúvida remete a uma “maioria”, termo que, nas teorias críticas, compunham a “massa”, porém, esta terminologia, aqui, apenas pode remeter ao corpo coletivo advindo das forças populares, cujos fluxos estão plenos de singularidades, dissidências e heterogeneidades.

Então, na definição de pop’filosofia traçada por Deleuze em sua parceria com Guattari, temos uma filosofia para todo o tipo de pessoas, “filosofia para não-filósofos”, ritornelo enunciado em torno das aulas de Deleuze. Mas, logo, a terceira definição do verbete nos obriga novamente a sairmos do plano deleuziano, pois, esse “todo” de pessoas do popular não é o devir impessoal, não-filosófico, que Deleuze seguia, visto ser relativo (3) “especialmente aos cidadãos de um país qualificados para participar de uma eleição <voto popular>”. Popular é então, a turba dos eleitores, aqueles que, por meio do voto “popular”, escolhem, bem ou mal - com Deleuze não nos cabe julgar (1997, p.145-153) - seus governantes. Que popular é esse que, além de designar a escória humana, se estratifica em processos de alienação e cai nas linhas molares dos aparelhos de Estado, ávidos por votos?

Numa redundante simplificação lexical, a fórmula é a seguinte: popular=pop. Em sua análise da *Pop’philosophie* deleuziana, Charles Feitosa discerne dois tipos de

⁵ Para entender os amálgamas históricos da expressão “burro” cf. ZORDAN, Paola. *Lustrar os burros*. Jornal da Universidade, edição #26. Porto Alegre, UFRGS, 17 de setembro de 2020. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/jornal/lustrar-os-burros>

pop “Pop I”, marginalizado, alternativo e específico, advindo de vanguardas e experimentações em especial a *pop-art* (mencionada por Deleuze, no livro *Lógica do sentido*, escrito anteriormente a seu encontro com Guattari e o “Pop II”, genérico, de cunho comercial e industrial, o qual remete ao uso corrente do adjetivo, tomado, por vezes, como “superficial e fácil” (FEITOSA, 2005, p. 95). Quando referido ao tipo de música de grandes audiências, o pop é tomado como o que faz sucesso, o que está na mídia, o que possui alcance de público. Nessa acepção, pop poderiam ser as “massas”, tal como as teorias críticas do século XX pensaram a multidão imprecisa de consumidores que movem forças de produção capitalista na indústria cultural. Massa é um termo que diz respeito a volumes homogêneos e acumulação. O termo sustenta um conceito básico no que tange a pensar a explosão demográfica, a qual sucede à implementação do biopoder.⁶ Entendida como fruto dos interesses do capital, a cultura de massas tem sido problematizada, em especial pelos Estudos Culturais, a fim de se romper com as preconcepções de uma determinada cultura como inferior, baixa, de pouco valor, de segunda mão. Popular é o clichê, imagem de fácil identificação, barata, *kitsch*, geralmente sobrecodificada e estratificada em significações fechadas. Temos uma maioria definida quantitativamente, representante de um padrão, quando se pressupõe que as massas populares decorram de um processo de homogeneização, o qual ressalta de valores dominantes (do homem com matriz europeia, branco, cristão, de conhecimento enciclopédico, normatizador) e hegemônicos.

Hélio Rebello Cardoso Jr., ao tratar de minorias e devires, define a maioria a partir dos aprisionamentos do senso comum, o qual, com Deleuze, remete ao pensamento das imagens prontas, que enquadra singularidades e prende indivíduos a determinados modos de pensar, numa espécie de submissão ao que todos opinam (CARDOSO JR,1999)⁷. Embora seja relativamente fácil identificar clichês e seus padrões massificados via subjetivações majoritárias, é difícil dizer ou estabelecer qual é o padrão do popular em sua profusão de práticas, crenças e saberes não-eruditos. O

⁶ Biopoder é o termo cunhado por Foucault para definir as políticas de preservação da vida e aumento da natalidade que emergem nos discursos e práticas sociais em decorrência da industrialização. Negri e Hardt partem deste conceito para definir o que chamam de biopolítica de controle das populações no Império.

⁷ CARDOSO JR, Hélio. Conceitos onto-políticos no pensamento de Gilles Deleuze: “minorias” como “devir-minoritário”. *Política & Trabalho*. Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Universidade Federal da Paraíba, n. 15, set. 1999.

popular é anterior às massas, ao que se entende como capitalismo imperial contemporâneo e à noção de pop presa a artefatos vendáveis, senso comum hoje. Mais do que designar o que é da massa, o popular diz respeito a uma pluralidade cultural de localização esparsa, não instituída, não necessariamente mercadológica, não necessariamente folclórica, que faz circular sem regras, sem controle e sem previsão de disseminação. Popular é, portanto, aqueles fluxos da maquinaria cultural nos quais correm mitos, tradições profanas e religiosas, credices e costumes misturados ao que se diz cultura de massas comerciais.

Multidão codificada imperialmente

Na obra *Império*, de Negri e Hardt, uma análise do que Deleuze entende como “sociedade de controle”, da cultura globalizada, problematiza as ditas “massas”. Embora possam ser identificadas homogeneidades consumidoras e propagadoras de clichês, paradoxalmente, no povo e no que se presume pop, há forças potenciais pelas quais passam fluxos de difícil codificação. Esses fluxos, nem sempre homogêneos, são o que os autores chamam “multidão”. Frente ao que se produz e se consome pelas multidões imperiais, a multidão não se reduz “às instituições que a representam nem aos indivíduos que a constituem” (SILVA, 2003, p.11). Advinda das forças populares, as quais subsistem, assistem, resistem e vivem tanto o poder centralizado em aparelhos de captura estatais e midiáticos quanto poderes não localizados, de difícil averiguação, a multidão é potência irrepresentável. Byung-Chul Han a compreende, frente a uma “sociedade do desempenho”, como psicopolítica. Com suas fronteiras flexíveis, o Império é “apresentado como um concerto global, sob a direção de um único maestro, um poder unitário que mantém a paz social e produz suas verdades éticas” estabelecendo poderes biopolítico e descentralizado, que se dá no âmbito da jurisprudência internacional operacionalizada junto às nações-estado (NEGRI, HARDT, 2001, p.28). Em *Enxame*, Byung-Chul Han atualiza alguns pontos de Negri e Hardt em relação à atual solidão cibernética das multidões, observando que os sistemas de dominação imperiais não conseguem ser situados. “Ninguém domina verdadeiramente no Império. Ele representa o sistema capitalista ele mesmo, que se estende a *todos*” (HAN, 2018, p.33).

No Império, o fora só pode ser o molecular incomensurável dentro de sua própria malha, tecido flexível composto por singularidades. Essas singularidades são as multidões, cujas forças biopolíticas constituem a única possibilidade de resistência no *spatium imperiale*. Na sociedade imperial o poder funciona como uma linha sinuosa, de cunho molar, que desliza no espaço absoluto sem exterioridade. Ainda que uma nação pressuponha populações inteiras em um só corpo federal, demonstrando uma relativa centralidade de controle, o que está em jogo é a paradoxal impossibilidade de domínio e censura perante a multitude dos corpos e multiplicidades de povos. Nos múltiplos povos, uma multidão de gente em cada um. Tal qual cada professor, ao se deparar com uma turma de alunos, pode viver e observar, numa só turma, muitos povos em cada indivíduo.

Assim, com Deleuze, surge uma filosofia para um povo que “não existe como algo dado”, para um conceito de popular que constantemente temos que reinventar (FEITOSA, 2001). O que se manifesta como “Filosofia do porvir” (DELEUZE, 1993, p.7), filosofia para o que a cartografia esquizoanalítica tem como motriz: as linhas de fuga. Talvez seja isso que Deleuze quer dizer com conceitos sem nenhuma interpretação, sem nenhuma compreensão. A equação é: Filosofia pop = devir da multidão > pop’filosofia: filosofia para as hordas, para essa multidão não classificada, sem identidade, que somente podemos lidar junto ao pensamento nômade, in-forme, de Deleuze, cujos conceitos são forças-formas sensoriais, sensuais, sensíveis, contaminadas “pelo colorido experimental da arte” (DELEUZE, 1993, p.7), como Deleuze expressa no prefácio que escreveu para um dos livros de Antonio Negri. É uma filosofia-náutica, surfista, que pega ondas, segue fluxos, povos, incertos caminhos por onde acontecem as aprendizagens. Não há pop’filosofia sem contágio de saberes, sem miscigenação de estilos, sem sincretismos, sem que se preserve uma dimensão não-filosófica nos conceitos, elementos de um plano de imanência que é pré-filosófico. Escrevendo sobre os cursos de Deleuze, Giorgio Passerone demonstra essa filosofia dos afectos, que nos faz perguntar “de onde vem esta estranha afinidade que nos atravessa como um míssil, com tal filósofo, com tal pintor, tal músico”, que tipos de conceitos convêm para “suscitar em nós não necessariamente um tornar-se filósofo, mas tornar-se um outro da filosofia?” (PASSERONE, 1991, p.53). Esse outro da filosofia não elege o que é e o que não é, não traz respostas, certezas sobre o mundo. Trata-se de eleger o que é relevante, interessante, o que alegra prestar atenção, o que possibilita devir, tornar-se. Fictícia tal

qual a arte, a pop'filosofia afirma simulacros, esse falso infinito do conceito efetivado em superfícies.

Geofilosofia (DELEUZE; GUATTARI, 1992): filosofia de Géia, das alianças entre suas crias, dos bandos, dos nômades, dos povos sem nação, dos animais, dos vegetais, dos minerais, dos vírus, das bactérias e dos fungos. Criação de um plano ético-estético de partes que não se totalizam, formado por elementos heterogêneos e suas especificidades, esse pensamento se ocupa com as essências da *multitudo*, multidão imanente que, para Negri (1993), é potência descodificadora, que no desenvolvimento de um conceito de potência política baseado em Spinoza. Essa multidão produz a “anomalia selvagem” do capitalismo, uma força que transgride os dispositivos de poder e deixa escapar os fluxos sobrecodificados dos aparelhos de Estado. Para combater essas sobrecodificações, uma filosofia de Gaia, para pensar a Terra, traz o pensamento das individuações e dos acontecimentos, que não pretende se afirmar como verdade, tampouco exploração dos recursos da Terra. Uma filosofia assim, em espaços escolares e institucionais abre outras possibilidades dentro do próprio pensamento educacional, criando uma Gaia Educação (ZORDAN, 2019).

Pop art e a ilusão das aparências

O termo pop ganha dimensão conceitual nos anos 1960, quando artistas passam a utilizar referências do cotidiano e do mundo de consumo para produzirem obras de arte. Lida com notícias de jornal, embalagens de produtos, fragmentos de ilustrações impressas e outros elementos disseminados de modo quase global no período que sucedeu as grandes guerras do século XX. Um exemplo, debatido pelo filósofo Arthur Danto, em *A transfiguração do lugar-comum*, são as caixas do sabão em pó Brillo expostas por Andy Warhol. Danto retoma enunciados de vários filósofos para compreender o que faz de uma coisa, qualquer coisa, uma obra de arte. Lembra que para Kant, a arte não depende da coisa, mas do modo como nos relacionamos com a coisa (DANTO, 2005, p.59). Isso nos deixa um tanto restritos ao referencial pessoal de cada um e não de um povo, como se a obra espelhasse impressões que não são possíveis além daquele que as imprime, afinal “qualquer pessoa pode se ver refletida numa obra de arte e descobrir algo sobre si mesma” (DANTO, 2005, p.26). Ou a obra não reflete coisa alguma e não tem sentido. As teorias da reflexão têm seu cerne em Platão/Sócrates, com a aceção de que a arte espelha a realidade, concebendo o real de outro modo do que o

chamado “mundo das aparências”, ou mundo dos simulacros, no qual a vida mundana imitaria o “pensamento” (ideia pura, modelo), este mais real que a materialidade da vida e dos corpos que a vivem. O teórico procura apresentar “o hiato entre imitação e realidade”, o qual “pode ser uma forma bem mais inteligível de estimar o hiato entre arte e vida” (DANTO, 2005, p.49) (estipulado platonicamente. Como “tais diferenças são estabelecidas logicamente” (DANTO, 2005, p.52) a imitação, para Platão, cópia da cópia, cópia degradada, *Mimésis*, é entendida como ilusão permanente (DANTO, 2005, p.54). O simulacro então é o falso, enganoso, “malfeito”, algo de “caráter demoníaco”, um fantasma, a mais pura fantasia, sendo essa perspectiva platônica o que torna a arte e a filosofia antitéticas (DANTO, 2005, p. 47).

Embora nem todo simulacro recaia num clichê, todo clichê é um significante despótico que eleva o simulacro a sua enésima potência. Ocorre sempre que há pouca exigência e uma adequação ao senso comum que denota total ausência de rigor ético. O clichê se apresenta envolvido em narratividades banalizadas, com sentido ilustrativo o qual visa soluções instantâneas, de fácil assimilação. Um clichê, especialmente na figura de um déspota, ilustrado no governante caricato, o qual se sobrecodifica nas imagens dos ditadores genocidas, é o perigo que corre toda criação. Sua condição é pré-pictórica, por isso, o clichê, especialmente quando encarnado, se torna aquilo do qual precisamos, urgentemente, nos desembaraçar, algo abjeto do qual, para criarmos, é preciso se livrar.

Ao fazer uma crítica da elegia ao autoconhecimento do discurso socrático, Nietzsche, em *O nascimento da tragédia*, incita uma reversão da filosofia platônica (NIETZSCHE, 1992). Embora o que retorne seja sempre diferente, não no que Deleuze e Guattari mostram em termos de forma-conteúdo-substância-expressão, para Nietzsche, é a potência da criação e do eterno retorno do mesmo, em si mesma, que volta. Construído sobre “uma disparidade, sobre uma diferença, ele interioriza uma dissimilitude” (DELEUZE, 2000, p.263). O fato somente se tornará um simulacro quando muda a sua natureza e deixa de ser uma cópia da cópia (representação) para tornar-se o falso apresentado em sua potência, “pop’art” (DELEUZE, 2000, p.271). Deleuze mostra o quanto o factício é diferente do simulacro (os dois niilismos que a modernidade opõe), pois inclui em si mesmo “o ponto de vista diferencial” (DELEUZE, 2000, p.264). Em suas palavras, “o simulacro não é uma cópia degradada, ele encerra uma potência positiva que nega tanto o original como a cópia, tanto o modelo quanto a

reprodução” (DELEUZE, 2000, p.267). É preciso ir até os pré-socráticos, em especial Epicuro, para que possa afirmar que o simulacro é sensível apenas enquanto imagem que carrega qualidades sensíveis. A imagem é feita “da sucessão muito rápida, da somatória de muitos simulacros idênticos”. (DELEUZE, 2000, p.281).

Trata-se de fatos que perpetuam o restabelecimento da ordem, fluxos que funcionam como correção das divergências primeiras sobre as quais se criam as culturas. A estratégia deleuziana é fazer do *factício*, que é cópia de um modelo, uma cópia da cópia, de modo que mude de natureza e vire um simulacro. Fazer com que as cópias copiem a si mesmas, estratégia dadaísta da simulação em si mesma, de modo que uma cópia afirme a dessemelhança interiorizada do outro, além de transformar a crítica numa atitude, é a reversão do platonismo feita por Deleuze e assumida anteriormente por Nietzsche. Tal processo Deleuze indica como “momento da *Pop’Art*” (DELEUZE, 2000, p.271), mas é justo a tática que usa em sua crítica. Deleuze nega que a filosofia intempestiva de Nietzsche possa ser elaborada em “grandes bosques e veredas”, territórios de culto, tampouco aposta em escolas. O dito “pop” plano rizomático de Deleuze e Guattari apresenta aspectos críticos se metamorfoseiam em práxis de resistência. Essa crítica esquizoanalítica afirma sua potência criando estilo, como bem demonstra a escritura revolucionária, molecular, de uma micropolítica posicionada na minoridade dos devires. Pop’*análise*=contracultura. Uma filosofia que se elabora “nas cidades e nas ruas”, lugares onde se conjuga o povo, e que inclui o *factício* existente em seus devires. Em *Lógica do sentido*, o devir aparece como a força centrífuga dos simulacros, potência que faz tudo desemparelhar, as séries divergem e as dessimetrias puxarem para dois sentidos ao mesmo tempo, criando a consistência virtual do plano de pensamento, que, seguindo a crítica socrática feita por Nietzsche, afirma a aparência absoluta.

Afirmar a aparência, a preponderância dos efeitos pelos quais o imperceptível é expresso, não esgota o projeto crítico anti platônico. A crítica é necessária para constatar os modos pelos quais os conceitos se transformam, aumentam sua potência ou se esvaem. Criticar é uma criação que resiste às filosofias da similitude e suas operações dialéticas analógicas, mas, acima de tudo, é combater as ilusões que envolvem o plano e que criam o que Deleuze chama “imagens dogmáticas de pensamento” (DELEUZE, 1988, p.219) as quais facilmente são reconhecidas nas táticas educativas. Tratam-se de imagens clichês, calcadas em ideais reflexivos. O enciclopedismo conceitual que as

reveste faz parte dos movimentos dos conceitos e ainda pertencem ao plano de imanência pop'filosófico, mesmo que sejam clichês distorcidos e servindo a outros fins, não mais transcendentais, sem doutrinação, apenas didatismo. A pior ilusão de todas, aquela que deve ser estrategicamente combatida, é a “circulação estereotipada das opiniões dominantes” (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p.67) estabelecida pelas palavras de ordem, dentro do qual os conceitos, devir do pensamento, acabam confundidos com proposições. O conceito, que durante toda a História da Filosofia foi adulterado para representações coletivas ou “concepções de mundo criadas pelos povos” (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p.19), acaba apresentando as quinquilharias de uma sociedade de serviços e suas técnicas de *marketing* e produção. Consensos sobre afectos já conhecidos (a calamitosa confusão da filosofia com a comunicação) é o desastre absoluto, uma vergonha para a filosofia, pois esses “conceitos”, ocupados com “a formação profissional comercial” (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p.21). A ilusão de discursividade que se reproduz nas lutas de poder pela imposição da opinião, jamais nos forçarão a pensar, tampouco nos ensinarão alguma coisa que não seja a captura de nosso próprio pensamento em desejos de consumo (os quais, de modo algum, podem ser confundidos pela necessidade sustentável de insumos).

Pensamento não é comunicação

O lugar do pensamento livre é o embate fora do discurso opiniático dentro dos corpos sensíveis das minorias. Pensar só é possível com as multiplicidades singulares dos povos, nas relações entre partículas, nos micro compósitos entre ínfimos elementos e indivíduos. Quando conceitos ficam presos a representações molares e o povo é codificado, identificado em x ou y, em esquerda ou direita, o pensamento para de criar conceitos e se torna ideia pronta, a qual serve à direitos pessoais, empresariais ou estatais, a fim de garantir os bens e preservar propriedades. Os valores decaem e a criação de conceitos subsume-se aos ideais e a opiniões do “pensamento-para-mercado” (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p.140). No Império da Comunicação, o pensar vira palpite sobre os movimentos do mercado universalista de capital, deixando de ser pensamento e se estratificando em opinião:

Os direitos do homem não nos farão abençoar o capitalismo. É preciso muita inocência, ou safadeza, a uma filosofia da comunicação que

pretende restaurar a sociedade de amigos ou mesmo de sábios, formando uma opinião universal como ‘consenso’ capaz de moralizar as nações, os Estados e o mercado (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p.139).

Em nome da integridade dos corpos e da segurança das propriedades, não há Estado de Direito ou opinião pública que faça com que os Estados democráticos atirem contra a miséria quando esta escapa do controle. Monstruosidades e instabilidades, como, por exemplo, as vividas junto à crise política, sanitária e econômica no Brasil Pandêmico, pertencem à decodificação de fluxos que constitui a própria axiomática do capitalismo. Esse axioma, cujo modelo de realização são as nações-Estado, completa-se com a emergência de um dispositivo jurídico que tenta re-territorializar as anomalias sob o jugo de sanções e leis sobre codificadoras fora de qualquer soberania política. Por isso, Negri e Hardt constatam que, dentro do império global, a justiça é insuflada pelo poder policial. A sociedade de controle opera na vigilância e no policiamento, armas dos Estados feitas para conter a miséria em territórios especiais, guetos, prisões, segurando as hordas de excluídos e não-garantidos que servem como “reserva” capital no funcionamento deste axioma. Tais estratégias operam, também, no mundo acadêmico, na medida em que há uma cobrança sistemática de um *script* metodológico argutivo, nas palavras de Cyntia Ribeiro um “conjunto de procedimentos organizados” (RIBEIRO, 2016, p.72) cuja padronização remete a um controle de dados e não a experimentação conceitual, “pedagógica”, que Deleuze propõe, em *O que é a filosofia?* junto com Guattari.

Esse modo de experimentação do pensamento confere uma dimensão de criação aos processos analíticos. Recusar uma abordagem sistêmica de método de pesquisa, dispensando a segurança de uma prerrogativa teleológica como baliza da ação, exige um enfrentamento radical da cultura acadêmica, uma vez que esta tende a referendar os sistemas clássicos de validação, seja no campo da ciência ou da filosofia (RIBEIRO, 2016, p.72).

A geofilosofia mostra que a agilidade e a atualidade das opiniões são inócuas para o que diz respeito aos problemas da multidão. As opiniões não passam de bombardeios, fachos do senso comum sobre as urgências do campo social imperial e seu corrupto *modus operandi*. Degenerada, a paisagem existencial imperial é cheia de lixões, cujo sucateamento observado nas escolas comprova: carências materiais, degradação física, encarceramentos morais, restrições territoriais, endurecimento das

trocas afetivas, embotamento das percepções e privações estéticas de toda natureza, que acabam por estancar o devir. Além da voracidade do mercado, a corrupção imperial é também a miséria dos “universos de referência” (GUATTARI, 1998. p.29) que o capitalismo desregulado defeca. Guattari designa como universos de referência” os traços visíveis e enunciáveis que se estratificam em modos de vida. Um Universo de referência é um enunciador que pode ser descrito como uma potência divina, como uma ideia platônica, pelo ato de pôr em jogo um sistema de valorização. Com ele, há polarização maquínica da subjetividade e a cristalização de uma opção pragmática. A textura de um tal Universo de subjetivação é hipercomplexa, já que pode categorizar componentes ontológicos como os das matemáticas, das artes plásticas, da música, das problemáticas políticas. Trata-se de universos presos ao que Guattari chama “mass-midialização embrutecedora” (GUATTARI, 1997, p.15-16), processo que impede a efervescência virtual do pensamento em seus devires e a criação de novas constelações existenciais. Movida por um mercado dos desejos restrito às formas estratificadas desses universos, naquilo que se define em figurações das crises subjetivas contemporâneas (ZORDAN, TASCHEO, 2018), a mídia e suas cadeias de comunicação centralizam o controle biopolítico dentro do Império, funcionando como um “dispositivo de produção de medo” (SILVA, 1993, p.12). O que se dispõe em termos de midiatização e endividamento moral contém a multidão e reterritorializa seus fluxos desejantes em segmentos sociais de produção e distribuição, em prestação de serviços e propagação de informações, sempre simuladas para atingir as massas consumidoras e o eleitorado.

Jordi Torr , ao tratar os clichês da cultura midiatizada sob uma perspectiva deleuziana, lembra que precisamos de reconhecimento e familiaridade, de um pouco de ordem, de a o comum, para nos protegermos do caos inerente ao pensamento.   a necessidade de prote o que nos afasta de seu “rosto pavoroso e sinistro” a ponto de sacrificarmos as potências caóticas criativas que a vida oferece (TERR , 1994, p.43). Uma aliança paradoxal com o caótico   a linha de fuga que Terr  aponta para sair dos estados de clich . Essa necessidade   afirmada por uma das máximas de Zarathustra, a grande “fórmula do jogo” (DELEUZE, 1976, p.25): “  preciso ter caos dentro de si para poder dar   luz uma estrela dançante” (NIETZSCHE, 1998, p.41). Poeira do cosmos, dourada estrela dançarina, brinquedo de deus menino: belas imagens de Nietzsche e Deleuze para o devir criador da vida e sua potência  gnea. “Constela o saída do lance

de dados” (DELEUZE, 1976, p.25), é o jogo dionisíaco onde o deus é dilacerado, cozido, prova o caos e faz seu monstruoso casamento com o fora.

Como sair do tópico, como ascender a uma percepção, a uma experiência não codificada, sem desmoronar-se em uma regressão catastrófica do indiferenciado? E, como desembaraçar-se da opinião, (...), da prova escolar do saber, do erro e do reconhecimento, tudo isso sem desmoronar-se pelo declive dissoluto do caos mental? Como alcançar, enfim, o *pensar*, esse ponto em que o pensamento *afirma* a vida e a vida *ativa* o pensamento, cópula do leão e da pomba, pássaro de fogo? (TERRÉ, 1994, p. 44).

Trata-se de encontrar fendas nos guarda-chuvas e sombrinhas das opiniões. A opinião forma os dogmas que nos protegem da água da chuva e do ardor do sol. Somente fora das tramas de saber e poder, dos visíveis e enunciáveis, podemos transbordar a opinião, a favor ou contra, corrente nos veículos de comunicação. O fato é que ainda não foi inventada uma opinião (aliás, opinião não se inventa, apenas se propaga) que aplaque as durezas da vida, que acabe com o tédio, atenuie o estresse do constante assujeitamento burocrático, dissipe a tristeza, diminua a insuficiência das porcarias ingeridas e termine com a vergonha pelo extermínio justificado, hoje, a vergonha do genocídio por falta de medidas sanitárias cabíveis e confrontos entre instâncias de poder e governo brasileiros. O confronto involuntário com o fora nos arrasta a um jogo incessante, no qual podemos tanto nos esconder nos clichês estratificados como encarar o espaço liso e sem imagem do que ainda não se formou. Um pensamento sem imagens, sem dogmatismo, sem opiniões, é sempre in-formado, pressupõe um toque do caos na matéria, essa que a filosofia apenas tenta traduzir, mas cujas forças não consegue comunicar, pois seus conceitos sempre estão a se transformar.

Opiniões a serem combatidas

O povo cai nas garras da lei, professores e professoras são capturados em discursos opiniáticos estandardizados e as vidas caem nas malhas do Império e sua sistemática de controle. Registros, credenciamentos, certificados, certidões, cadastros, contratos, códigos, convenções, estatutos, normas técnicas e ritualísticas, procedimentos institucionais, enfim, todo um aparato jurídico-administrativo a serviço do capital: maquinaria da megalópole global. Cidade onde “os grandes pensamentos são refogados vivos e cozidos picadinhos” (NIETZSCHE, 1988, p.213) e o espírito transformado em

jogo de palavras para fazer tilintar o ouro da venda de notícias, como dizia o louco que imitava o personagem Zaratustra, macaqueando o sábio.

Herdeira das ilusões metafísicas, a comunicação mercadológica descarta a matéria com muita facilidade, de modo que cria muitos e muitos despojos, poluição visual e atulhamento de informações, obliterando a ciência, a arte e o devir filosófico que possibilita que se pense perspectivamente os problemas pelos quais os corpos, coletivos e individuais, passam. A comunicação, enquanto não-pensar ocupador de mentes, estimula a produção de artefatos que, nem bem são usados, já viraram restos para alimentar o inesgotável lixo. Sucata que, cada vez mais, tem servido como fonte de subsistência para as tribos sem garantias dentro do Império. Todavia, uma filosofia pop, mesmo que exerça a crítica das opiniões e a resistência aos focos descentrados do poder identificado, não é uma filosofia ocupada com o que urge nas malhas da sociedade de controle, como por exemplo “a clonagem dos seres humanos; a onipresença do computador, a destruição maciça da natureza; a má qualidade dos programas de TV”, tal qual é colocado por Charles Feitosa (2001, p.97). Embora “pop” possa ser entendido como o que está na moda, o que é atual, urgente, a pop’filosofia pensa problemas essenciais, extemporâneos, que envolvem as singularidades dos povos e as intensidades da vida, em sua força e clamor. Zaratustra é o grande personagem pop. Ensina a seu macaco, o louco da cidade, que se deve *passar além* daquilo que não podemos mais amar. Zaratustra nos manda ir para as ilhas verdes e para as florestas, quando não se agüenta mais a náusea das grandes cidades. Não é preciso ficar comunicando desgraças, e, sim criar um novo modo de vida, cheio de graça, alegria. Perante o excesso de opiniões e a crença generalizada na comunicação, “falta criação”, observaram Deleuze e Guattari (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p.140).

Com arte e filosofia, as questões urgentes da atualidade são pensadas nas múltiplas dimensões dos problemas que se apresentam, de modo a serem mostrados todos os aspectos de uma possível e suscetível “verdade”. Somente a arte, enquanto plano de pensamento que resiste às ortodoxias conceituais, subverte a opinião, aprofunda-a e a substitui pelo conceito (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p.195); afinal, a arte é atividade criadora em seu devir. Daí sua extrema importância para a pop’filosofia, pois, é por meio da arte, que acontece a metamorfose do *factício*, na medida que devém um pensamento onde o conceito não está separado das coisas que permeiam sua criação. Conceitos que se transformam em perceptos e blocos de

sensações⁸ que criam conceitos (DELEUZE; GUATTARI,1992): esse é o movimento que cria o pensar. Não é querer crescer e acumular, possuir, apropriar-se, nem conservar regras gerais. Tampouco fazer do devir uma regra universal, mesmo que o devir seja pura torrente cósmica. Para Hélio Cardoso Jr., a molecularidade do devir é um devir que se universaliza, enquanto que a maioria representa apenas um estado determinado de aprisionamento de singularidades/acontecimentos, criando a ilusão de sua universalidade ao colocar-se como “representante de uma vontade, de um poder” (CARDOSO JR., 1999, p. 23). A micropolítica pressuposta na “pedagogia do conceito” assume uma “cao-errância” (DELEUZE, 2000, p.270) que leva “ao absoluto a desterritorialização relativa ao capital”. Ao suprimir seu limite interior, fazendo passar pelo movimento infinito, molecular, “voltando-o contra si, para chamá-lo a uma nova terra, a um novo povo” (DELEUZE; GUATTARI,1992. p.129). Um novo modo de vida, o que nos leva a transvaloração de Nietzsche: uma arte de si, a ética dobrada em estética, como pensou Foucault. Pop’filosofia: banalidade de um pensamento que cria e inventa uma vida.

A pop’filosofia não se importa com as abstrações transcendentais e seus ilusórios valores “espirituais”. A força transcendental é empírica, se encontra num ser da sensação, *sensibilia* que insufla certas imagens, coisas banais e experiências corriqueiras. Manifestação da vontade de potência (DELEUZE, 1976, p.52), o devir sensível impressiona muito mais do que as ideias. Ao contrário das verdades idealizadas e dos valores abstratos, mesmo que se repitam, as sensações nunca serão as mesmas. É por meio delas que aprendemos a única verdade essencial que existe no mundo: sempre o mesmo, contudo diferente. É muito simples; tão óbvio que chega a ser uma bobagem, como diz a canção pop de Lulu Santos: *Nada do que foi será/De novo do jeito que já foi um dia/Tudo passa/Tudo sempre passará /A vida vem em ondas/Num indo e vindo infinito...*

Somente uma filosofia muito popular para afirmar como única essência esse ensinamento tão pequeno. Popular que, nas três primeiras definições do “amansa burro” mais comum na vida estudantil dos brasileiros, é (1) o que feito para o povo, (2) próprio para o povo, (3) agradável ao povo e que tem as simpatias dele (FERREIRA, 1986,

⁸ Em *O que é a filosofia?*, Deleuze e Guattari mostram o quanto, no plano de composição da arte ao criarem intensidades virtuais, as percepções viram perceptos, equivalentes aos conceitos nesse plano de imanência artísticos, os quais constituem-se por blocos de sensações que extraem virtualidades da matéria extensa percebida.

p.1365). Sem dúvida, uma filosofia pouco doutra, visto que, ao invés de tratados filosóficos e obras consagradas, se satisfaz com dicionários, cujo trabalho coletivo com as palavras recria completamente o léxico, como foi o caso do verbete “popular”. Esse, no recente dicionário idealizado pelo enciclopedista Antônio Houaiss, só coaduna com a definição do dicionário *Aurélio* na quarta e quintas designações, sendo que nessa, popular também é “famoso” (5). As cinco definições seguintes do dicionário *Houaiss* parecem ter sido retiradas de um texto de Teoria Crítica (consumidores, baixo nível estético, preços ao alcance do povo, acomodações baratas), enfim, o popular (6) “prevalece junto ao grande público, especialmente às massas menos instruídas”. Mais uma vez, entre o douto e o pop (alguém discorda que o *Aurélio* não seja pop?), o último sai na frente, deixando o popular (5) “vulgar, trivial, ordinário; plebeu” para sua penúltima definição, sendo que essa aparece antes de (4) “democrático”, que é a similar a última definição do *Houaiss* (12) “partidários do povo, democratas”. Terminamos com o popular que é o “homem do povo”, um “anônimo”, a sexta e última definição de “popular” no *Aurélio* e décima primeira definição do *Houaiss*, que inclui o adjetivo “anônimo” na multidão.

Inominável

Esse popular “sem nome”, o qual somente uma “multidão” pode expressar, é que nos interessa para o nomadismo de um pensamento impessoal. Junto com o indiscernível e o imperceptível, o impessoal completa as três qualidades do devir. Devir não é o que é, aquilo que pressupõe um ser, uma identidade, um reconhecimento sobre algo que está codificado. Paradoxalmente, os termos advindos da esquizoanálise, passado pouco mais de uma década de seu uso terminológico indiscriminado em produções acadêmicas, mesmo quando não codificados, como é bem comum acontecer com o conceito de agenciamento, já estão incorporados a um certo discurso. Palavras como “rizoma” se tornaram de uso corrente e a dita “cartografia” se estabeleceu, no Brasil, como método de pesquisa que apresenta códigos específicos, outras vezes imprecisos, conforme podemos observar em inúmeras publicações que discutem os atravessamentos esquizoanalíticos e deleuzianos na produção intelectual brasileira. Rizoma, louco dizer, se tornou um clichê. Dentro de certos parâmetros, exatamente onde o pensamento de Deleuze é aceito por seguir uma dada identidade, temos um

paradoxo. Há um movimento assimilatório que torna o novo, que se quis incerto, errante, nômade, como garantia para pequenas fugas, como justificativa para não seguir essa ou aquela orientação mais tradicional. Embora traçada junto a uma multiplicidade de povos, essa filosofia que transcorre pelos saberes populares, cujos filósofos fazem “a sabedoria servir a novos fins, estranhos e perigosos e muito pouco sábios na verdade” (DELEUZE, 1976, p.5) querendo que a filosofia se supere e seja superada, exige extremo cuidado. Como todo trabalho implicado no in-forme do pensamento, pode acabar formalizado. Mesmo que nem todos observem a necessidade de rigor, ao se estudar, efetivamente, qualquer texto de Deleuze e de Guattari, nos vemos obrigados a ir atrás de outros textos, de muitas outras referências, a resolver problemas de tradução, precisamos pesquisar página a página para entender seus métodos de composição, para conseguir pensar a força que se acumula em cada palavra, sem trégua e sem paz. Por mais vigorosas e revigorantes que sejam suas forças, segue-se linhas de morte, cardíacas, suicidas, virulentas, solitárias, animais. Trata-se de lidar com criações conceituais implicadas em muitos domínios: artes, ciências, economia, linguística, literatura, política. São obras cujo devir ativa rupturas imperceptíveis, operando micro-revoluções que passam ao largo do que é comum a todos, do que todos compreendem e do que se extrai, para a vida de cada um, a partir delas. Não há uma causa a ser defendida, nenhuma felicidade, apenas forças que trazem a violência informe de clichês assassinados e daquilo que, no andar do pensamento, se torna menor. As linhas errantes que perpassam a criação de conceitos proliferam como rizomas, bifurcam para outros planos, para outros reinos, entram em territórios estrangeiros, levam quem com eles se aventura a novos campos de estudos e pesquisas. Trabalhar com tais autores implica criar textos anticulturais impubescíveis, assumir clichês a serem raspados, viver pensamentos que ficam “fora”. É na constituição de uma linha em contato com o fora que surge a fórmula de Deleuze e Guattari: “RIZOMÁTICA =POP’ANÁLISE” (DELEUZE, GUATTARI, 1995, p.36), a qual vem afirmar a cartografia (mapa como modelo diagramático), o nomadismo, o subdesenvolvimento e o esquecimento, numa espécie de manifesto contra o *logos*, fora do peso do saber estratificado. Uma esquizoanálise, com viés clínico, que foge do enfadonho das imagens interiorizadas, da ordem arborescente do mundo e suas filiações. Um povo não tem patrono (destarte seus padrões), um povo não é alguém, um povo se torna algo que nem sempre é possível ser certamente definido. Os mitos populares são construídos e destruídos como rótulos

descartáveis, como alegorias em desfile de carnaval. Uma filosofia pop, sem certo ou errado, não garante que todos pensem, mas permite que qualquer um, frente ao caos dos universos de referência, pense a partir de sua própria vida.

REFERÊNCIAS

AQUINO, Julio Groppa. *A difusão do pensamento de Michel Foucault na educação brasileira: um itinerário bibliográfico*. Revista: Revista Brasileira de Educação v.18, n.53, p.301-324, abril-junho, 2013.

CARDOSO JR, Helio. Conceitos onto-políticos no pensamento de Gilles Deleuze: “minoría” como “devir-minoritário”. *Política & Trabalho*. Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Universidade Federal da Paraíba, n. 15, set. 1999.

CORAZZA, Sandra Mara Org. *Métodos de transcrição: pesquisa em educação da diferença*. São Leopoldo, OIKOS, 2020.

DANTO, Arthur. *A transfiguração do lugar-comum: uma filosofia da arte*. São Paulo: Cosac & Naif, 2005.

DELEUZE, Gilles. *Lógica do sentido*. São Paulo: Perspectiva, 2000.

_____. *Diferença e Repetição*. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

_____. *Foucault*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

_____. *Nietzsche e a filosofia*. Rio de Janeiro: Ed. Rio, 1976

_____. *Crítica e clínica*. São Paulo: Ed.34, 1997.

_____. *Conversações*. São Paulo: Perspectiva, 1992.

DELEUZE, Gilles. Prefácio. In: NEGRI, Antonio. *A anomalia selvagem*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. *Mil platôs I*. Rio de Janeiro: Ed.34, 1995.

_____. *O que é a filosofia?* Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. *Diálogos*. São Paulo: Escuta, 1998.

FEITOSA, Charles. O que é isto – filosofia Pop? In: LINS (Org.). *Nietzsche e Deleuze: pensamento nômade*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2001.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário Aurélio de Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

GUATTARI, Félix. *Caosmose: um novo paradigma estético*. São Paulo: Ed. 34, 1998.

GUATTARI, Félix.; ROLNIK, Suely. *Micropolítica: cartografias do desejo*. 7ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

HARDT, Michel; NEGRI, Antonio. *Império*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

HAN, Byung-Chul. *No exame: perspectivas do digital*. Petrópolis: Vozes, 2018.

HOUAISS e VILLAR. *Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

NEGRI, Antônio. *A anomalia selvagem*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.

NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falou Zaratustra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.

_____. *O Nascimento da tragédia ou helenismo e pessimismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

OLIVEIRA, Guilherme Magalhães Vale de Souza; AQUINO Julio Groppa. *O Filósofo Expert? A Popularização da Filosofia e o Governo da Conduta*. Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação – RESAFE. Número 23: p. 55- 80, novembro/2014-abril/2015.

PASSERONE, Giorgio. O último curso? In: ESCOBAR. *Dossier Deleuze*. Rio de Janeiro: Hólon, 1991.

RIBEIRO, Cintya Regina. *O agenciamento Deleuze- Guattari: considerações sobre método de pesquisa e formação de pesquisadores em educação*. Educação Unisinos **20**(1), pp. 68-75, janeiro/abril 2016 .

VINCI, Christian Fernando Ribeiro Guimarães; RIBEIRO, Cintya Regina. *Experimentações com a Pesquisa Educacional Deleuze-Guattariana no Brasil*. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 43, n. 1, p. 23-44, jan./mar. 2018.

SILVA, Alexandre Rocha da. *Elementos para uma comunicação pós-midiática*. São Leopoldo: UNISINOS. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação). Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2003.

TERRÉ, Jorge. *Ojos rojos: tientos sobre algunas fórmulas deleuzianas*. _In:Archipiélago. Madrid, nº.17, p.42-51, jun 1994.

ZORDAN, Paola; SILVA, Marcio. Tascheto da. Figuras da Crise, cidades e educação. *REVISTA BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO*, v. 23, 2018.

ZORDAN, Paola. *Disparos e excesso de arquivo*. In: 20o. Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisa em Artes Plásticas, 2011, Rio de Janeiro/RJ. Anais do Encontro Nacional da ANPAP (Online). Rio de Janeiro (RJ): ANPAP, 2011.

ZORDAN, Paola. *Gaia Educação: arte e filosofia da diferença*. Curitiba: Appris, 2019.